



A Disseminação Indo-Europeia na Europa Ocidental

The Indo-European Expansion in Western Europe

Elias de Oliveira Morais Júnior

Resumo: É consenso entre os historiadores que a Europa moderna foi formada pelos povos indo-europeus. O objetivo deste artigo passa por tentar demonstrar como a linguística e a genética podem ser ferramentas para a compreensão da origem e disseminação de culturas, nesse caso específico, de praticamente toda a Europa, do Planalto Iraniano e da Índia. E também facilitar (e talvez até aprimorar) o entendimento dos graduandos em história de todo o processo que levou à nossa antiguidade clássica, dando-lhes mais e melhores ferramentas numa possível carreira docente.

Palavras-chave: povo; indo-europeu; europeu; Europa; cultura.

Abstract: There is consensus among historians that modern Europe was formed by the Indo-European people. This article aims to demonstrate how linguistics and genetics can be used as tools for understanding the origin and dissemination of cultures, in this specific case, almost all over Europe, the Iranian plateau, and India. It also makes it easier (and maybe even improves) the understanding of history students of the whole process that brought us to our classic period, giving them more and better tools in a possible teaching career.

Keywords: people; Indo-European; European; Europe; culture.

INTRODUÇÃO

Os trabalhos de Marija Gimbutas na tentativa de localização do urheimat (do alemão “pátria original”) do povo europeu foi um grande avanço no entendimento da origem e desenvolvimento daquilo que viria ser a cultura da civilização ocidental, e talvez tenha colaborado para que várias ciências trabalhassem juntas a partir daí, já que a sua conhecida hipótese Kurgan foi publicada em 1956, em seu livro “The Prehistory of Eastern Europe. Part I: Mesolithic, Neolithic and Copper Age Cultures in Russia and the Baltic Area” (A pré-história da Europa Oriental, Parte I: culturas do mesolítico, neolítico e idade do cobre na Rússia e no Báltico), e desde então temos visto muitas combinações de arqueologia, genética, linguística e história no estudo de várias questões. A contribuição de Gimbutas é incomensurável. Por exemplo: sua hipótese Kurgan significa uma introdução da combinação entre arqueologia e linguística na localização dos falantes do protoindo-europeu e recebeu muito respaldo através de novos estudos das ciências supracitadas. Não obstante, novos estudos mostram que a população atual da Península Ibérica, por exemplo, “está geneticamente mais próxima dos europeus do neolítico inferior e médio do que os europeus centrais dos dias modernos, que estão mais intimamente relacionados com as populações do neolítico final e da idade do bronze” (Bloemers, Van Drop, 1991). Considerando a localização geográfica da Península Ibérica, que, além de estar no extremo ocidental do continente, o que naturalmente a fez ser a última região a ser alcançada pelas migrações advindas das estepes pônticas, também a deixa

aberta a duas possíveis rotas marítimas (Mediterrâneo e Oceano Atlântico), e ainda à provável influência do norte da África, devido à sua proximidade com o Marrocos. Mas o fato é que poucos (se é que existem) discordam que a domesticação do cavalo a partir da segunda metade do V milênio a.C. mudou o panorama cultural europeu e, segundo Gimbutas, implicou na “curganização” de culturas neolíticas europeias tardias. Veremos, a partir de agora, como aconteceu essa “curganização” da Europa Ocidental (segundo Gimbutas) e apresentaremos as eventuais possíveis refutações de suas teorias.

A EUROPA PRÉ-INDO-EUROPEIA

Primeiramente, é necessário esclarecer que o termo “indo-europeu” pode referir-se tanto à família linguística quanto a etnias e culturas. Mas em termos de linguística, a linguista Johanna Nichols (2010), da Universidade da Califórnia em Berkeley, estimou, com base no tempo necessário para a atual difusão das línguas modernas, que a linguagem vocal, como a conhecemos hoje, surgiu, pelo menos, há 100 mil anos. Desde então, diferentes famílias linguísticas surgiram por onde quer que o *Homo sapiens* tenha passado, de modo que nos é possível rastrear geograficamente a origem de um povo através de um método comparativo/reconstrutivo desenvolvido no século XIX pelo linguista alemão August Schleicher, em que o ancestral comum de uma família é chamado de protolíngua (no nosso caso, o protoindo-europeu).

Os primeiros *Homo sapiens* chegaram à Europa por volta de 50.000 anos atrás. Nesse tempo, o continente europeu estava em sua totalidade habitado pelos neandertais. Não se sabe como se

Deram os primeiros contatos entre as duas espécies; se foram belicosos ou não. O que sabemos hoje é que houve hibridização entre as duas espécies e que todos os que têm alguma ascendência europeia carregam uma pequena parcela de DNA Neandertal. Também não se sabe com certeza se os Neandertais tinham a capacidade de falar, nem de produzir arte. Suspeita-se de que algumas pinturas rupestres e talvez até instrumentos musicais possam ter sido feitos por neandertais, mas pode ser que isso tenha sido resultado da interação com os *Homo sapiens*. As duas espécies conviveram por cerca de 20 mil anos, quando, há cerca de 28 mil anos, os últimos Neandertais foram extintos no estreito de Gibraltar, extremo sul da Península Ibérica. Mas as primeiras manifestações de arte figurativa por parte dos seres humanos começaram justamente nessa época, há cerca de 50 mil anos, o que faz com que vários cientistas considerem que foi a partir daí que o homem adquiriu “comportamento moderno”, que, além da linguagem e da arte figurativa, inclui também a música e outras expressões culturais universais. Estima-se que a capacidade humana para a abstração (ou pensamento abstrato) também tenha surgido em algum ponto entre 50 e 100 mil anos atrás. O exemplar mais antigo de figurativismo humano encontrado até hoje, na figura 1, é a Vênus de Hohle Fels (uma caverna no estado alemão de Baden-Württemberg, mesma região onde foi encontrada a estatueta do homem-leão, na figura 2, que é antropomórfica

e é considerada mais antiga, apesar da datação das duas peças ser a mesma: de 35.000 a 40.000 anos).

Figura 1 - Vênus de Hohle Fels.



Fonte: Google Images.

Figura 2 - Homem-leão.



Fonte: Google Images.

Quando os neandertais deixaram de existir, toda a Europa estava habitada pelos *Homo sapiens* que já tinham desenvolvido diversas culturas, variando de lugar para lugar (pois os grupos ainda eram pequenos), se misturando, auto-influenciando, uma sucedendo ou substituindo outra, etc. Até que por volta da metade do V milênio a.C., uma cultura surge nas estepes russas e consegue, pela primeira vez, usar o cavalo como montaria. Começa aí a história dos protoindo-europeus, que, graças à utilização do cavalo, puderam alcançar territórios muito mais vastos e, conseqüentemente, influenciar as culturas do neolítico tardio que existiam ao seu redor.

O QUE É A HIPÓTESE KURGAN?

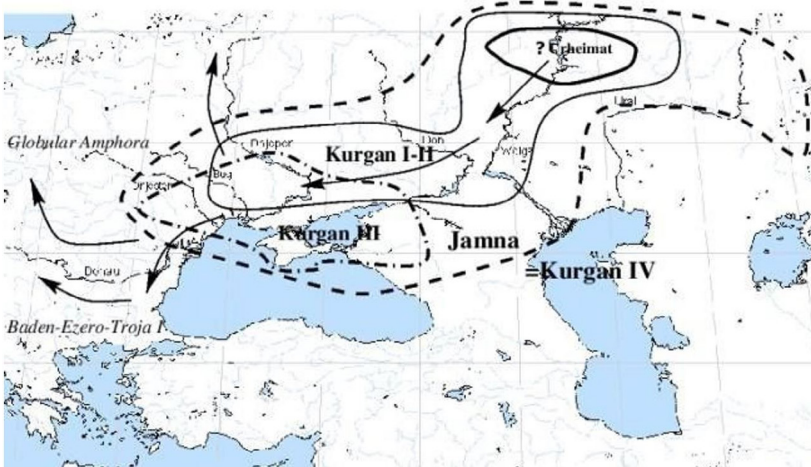
A origem do nome dessa teoria vem da cultura Jamna, que por sua vez, tem seu nome derivado da região onde ela foi identificada pela primeira vez, ao sul de Ekaterimburgo, na Rússia, e se caracteriza pelo modo como enterrava seus mortos (figura 3): em espécies de fossas, onde vários corpos iam sendo introduzidos sucessivamente, e em alguns casos com oferendas animais, como gado, porcos, ovelhas, cabras e cavalos. Havia um limite de corpos por fossa e um limite de fossas por cemitério.

Figura 3 - Um kurgan.**Fonte: Google Images**

Na hipótese kurgan, a área demarcada na figura 4 como urheimat, próxima ao rio Volga, demonstra a localização dos primeiros vestígios do uso do cavalo como montaria (cultura de Samara, entre 4500 – 4000 a.C.). A partir daí, essa cultura se expandiu por toda a estepe Pôntica e, entre 4000 a.C. e 3000 a.C., a cultura Jamna constrói seus primeiros protótipos de kurgans nas estepes e surge a cultura de Maikop no norte do Cáucaso. Na cultura Jamna, já existem ídolos de pedra, protobigas de duas rodas, povoados permanentes, castros (construção citadina circular feita em pedra), pecuária, agricultura e pesca. O contato da cultura Jamna com as culturas neolíticas da Europa resulta nas culturas “curganizadas” da ânfora globular e Baden. A cultura de Maikop demonstra as mais antigas evidências do começo da Idade do Bronze, e armas e artefatos de bronze são introduzidos na cultura Jamna. Entre 3000 a.C. e 2500 a.C., o contato da cultura Jamna com a cultura da cerâmica cordada (2900 – 2450/2350 a.C.) introduz a idade do bronze no norte da Europa, com todas as suas tecnologias (cavalo como montaria, bigas, pecuária, agricultura com arado, etc.), além de disseminar a língua indo-europeia, que se propaga e se divide em diversas línguas e culturas diferentes, usando a cultura do vaso campaniforme (2900 – 1900 a.C.), oriunda de Portugal, que já tinha se espalhado por toda a Europa central e ocidental, como um vetor. A cultura da cerâmica cordada veio a dar origem aos germanos, que se mantiveram no que hoje é o norte da Alemanha e o sul da Escandinávia, com sua cultura de pequenas aldeias baseadas na pecuária, até que por volta de 300 a.C. foram obrigados a se deslocar para o sul devido a mudanças climáticas. Os ramos anatólio para o sul e o tocariano para o leste já estavam isolados nesse processo. O mesmo povo que migrou para a Europa migrou também para o sul, atingindo até o vale do rio Indo, na Índia, estabelecendo-se, também, durante esse caminho, no que hoje é o Irã, Afeganistão, Tajiquistão e Paquistão. Entre 2500 a.C. e 2000 a.C., o proto-grego já é falado nos Bálcãs e o protoindo-iraniano no norte do Cáspio, onde emerge a cultura de Andronovo. A Idade do bronze atinge a Europa central. Entre 2000 a.C. e

1500 a.C., a biga levou a uma rápida divisão e disseminação das línguas iranianas e indo-arianas por grande parte da Ásia Central, norte da Índia, Irã e Anatólia oriental. A cultura Unetice, uma cultura pré-protocéltica na região da República Tcheca, da Polônia e da Alemanha, já domina a metalurgia. De 1500 a.C. a 1000 a.C., as culturas pré-protocélticas dos campos de urnas e de Hallstatt emergem na Europa central, posteriormente introduzindo a idade do ferro. Os proto-italícos migram para a península Itálica. O Rig Veda é escrito e a civilização védica emerge no Punjab. Entre 1000 a.C. e 500 a.C., as línguas celtas se espalham por toda a Europa central e ocidental. Zaratustra compõe os Gatos. O protoitalíco se divide em osco-úmbrio e latino-faliscano. Surgem os alfabetos grego e etrusco e Homero compõe a Ilíada e a Odisseia.

Figura 4 - Visão geral da hipótese Kurgan.



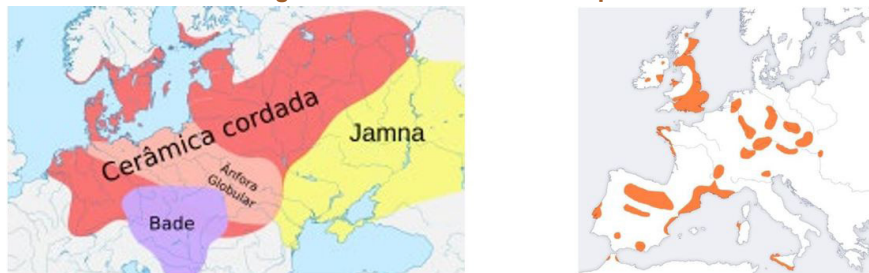
Fonte: Google Images.

Figura 5 - À esquerda, vasos da cultura da cerâmica cordada; à direita, vasos da cultura campaniforme.



Fonte: Wikipédia.

Figura 6 - Contato da cultura Jamna com as culturas de Bade, da Ânfora Globula e da Cerâmica Cordada à esquerda; locais onde foram encontrados vestígios da cultura do vaso campaniforme à direita



Fonte: Wikipédia.

É válido dizer que alguns arqueólogos vêm considerando a teoria kurgan obsoleta, graças a novas evidências arqueológicas que estariam apontando para desenvolvimentos locais dentro das culturas neolíticas da Europa. No entanto, a tendência geral da atualidade considera irreal determinar que qualquer povo protohistórico possa ser relacionado a algum grupo em particular considerando apenas evidências arqueológicas.

Frederick Kortlandt (linguística comparativa, Universidade de Leiden), mesmo concordando com Gimbutas, propõe uma interessante revisão em sua teoria: ele propõe que existe uma tendência a datar protolínguas muito mais para o passado do que seria desejável do ponto de vista linguístico. Isso colocaria a relação entre a cultura Maikop no norte do Cáucaso e o indo-europeu, como propõe Gimbutas, em xeque, de modo que a similaridade entre o protoindo-europeu e essas línguas caucasianas sugere que o indo-europeu é, na verdade, um ramo do uralo-altaico, influenciado por um substrato caucasiano. Segundo ele, “tais eventos seriam apoiados por evidências arqueológicas e localizariam os mais antigos ancestrais dos falantes de protoindo-europeu ao norte do mar Cáspio no VII milênio a.C., essencialmente de acordo com a teoria de Gimbutas” (Kortlandt, 2007).

A principal teoria alternativa é a teoria anatólia, formulada por Collin Renfrew e Vyacheslav V. Ivanov (1999), que postula que a difusão das línguas indo-europeias é resultado da disseminação da agricultura a partir da Anatólia, o que empurraria a antiguidade do protoindo-europeu também para o VII milênio a.C. Mas essa teoria é menos aceita, apesar de uma abordagem totalmente nova no ramo da glotocronologia por Russel Grey e Quentin Atkinson, na Universidade de Auckland em 2003, dar apoio à essa hipótese.

Além disso, existem algumas outras críticas, como a do próprio Renfrew (1999), que considera a teoria de Gimbutas de que os indo-europeus eram cavaleiros armados que invadiram a Europa central de forma violenta no V milênio a.C. não é plausível, pois a cultura kurgan ainda estava no estágio pastoril nesse tempo; e também a crítica de Kathrin Krell (2004), que enxerga várias incompatibilidades entre o nível cultural desses povos e os termos encontrados na língua indo-europeia.

Vale citar também que a mutação definitiva do gene que deu origem aos povos indo-europeus, geneticamente falando, aconteceu entre 10 mil e 14 mil anos atrás, no Oriente Médio. Passaremos agora a estudar mais especificamente como cada cultura formada por essas migrações nos levaram ao que temos hoje na sociedade ocidental, em termos de línguas, etnias,

Culturas, genética e, conseqüentemente, história.

OS CELTAS

Os celtas são povos cuja origem genética foi detectada na Península Ibérica, de acordo com pelo menos três geneticistas: Daniel Bradley, do Trinity College de Dublin, em 2004; Bryan Sykes, da Universidade de Oxford, em 2006; e Stephen Oppenheimer, também de Oxford, em 2006. Segundo estes geneticistas, os povos que viriam a dar origem aos celtas teriam se refugiado ali durante a última era do gelo e, a partir de 5000 – 4000 a.C., migraram para as Ilhas Britânicas e Irlanda, expandindo-se posteriormente para as áreas continentais mais distantes do mar recém-libertadas da cobertura de gelo. Como vimos acima, esses povos foram curganizados (ou indo-europeizados) durante o II milênio a.C.

Segundo Philip Baldi (2002), as línguas célticas derivam de dois ramos indo-europeus do grupo denominado *centum*: o celta-Q (goidélico), mais antigo, do qual derivam o irlandês, o gaélico da Escócia e a língua manx, da Ilha de Man; e o celta-P (galo-britânico), falado pelos gauleses e pelos habitantes da Bretanha, cujos descendentes modernos são o galês (do País de Gales) e o bretão (na Bretanha).

São creditados como sendo os responsáveis pela introdução da idade do ferro na Europa Central, através da cultura de Hallstatt, localizada na Áustria. Essa cultura foi subdividida em quatro períodos: Hallstatt A e B (1200 – 800 a.C.) correspondem à idade do bronze tardia. Hallstatt C corresponde ao início da Idade do Ferro (800 – 600 a.C.). É la fase finale di Hallstatt D (600 – 500 a.C.). Nesse período tardio, comprova-se, através de achados de figuras de cerâmica negra ática nos túmulos da elite, o comércio com a Grécia, provavelmente importada a partir de Massilia (Marselha).

Figura 7 - Broches encontrados num túmulo da cultura de Hallstatt.

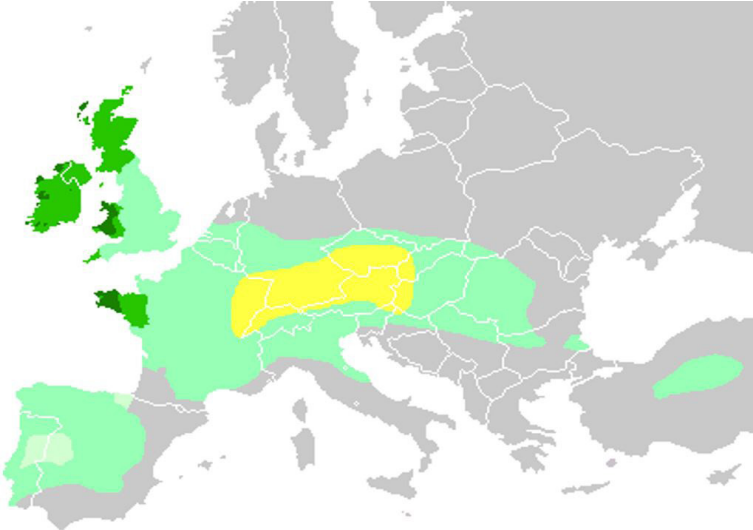


Fonte: Google Images.

A cultura de Hallstatt foi substituída pela cultura de La Tène, descoberta inicialmente na margem setentrional do Lago Neuchâtel, na Suíça. Também foi subdividida em três períodos, sendo eles antiga (século VI a.C.), média (450 – 100 a.C.) e tardia (século I a.C.), quando a ocupação romana encerrou seu desenvolvimento. Não houve um rompimento definido com a cultura Hallstatt, mas a cultura La Tène sofreu forte influência grega e, posteriormente, etrusca. No século IV a.C., a cultura de La Tène se expandiu por toda a Europa, desde Portugal e as Ilhas Britânicas até a Ásia Menor. Nesse tempo, um exército celta sob o comando do líder Breno chegou a Roma e tomou a cidade. No século III a.C., bandos celtas entraram na Grécia e ameaçaram o Oráculo de Delfos, enquanto outro bando se estabelecia na Galácia, Ásia Menor. As exportações da cultura La Tène para as culturas do Mediterrâneo eram baseadas em sal, estanho e cobre, lã e couro, peles e ouro.

Inicialmente, o povo de La Tène viveu em assentamentos abertos que eram dominados pelos fortins de seus chefes, nos altos das colinas. O desenvolvimento de cidades — ópidos—aparece em meados da cultura La Tène. Os habitantes de La Tène construíam com madeira, em vez de pedra ou tijolo. Os povos desta cultura também escavavam poços rituais, nos quais oferendas votivas e até sacrifícios humanos eram lançados. Cabeças decepadas parecem ter sido consideradas como portadoras de grande poder e eram frequentemente representadas por esculturas. Sítios de inumação incluíam armas, carroças e bens tanto da elite quanto de seus empregados, evocando uma extrema continuidade na vida após a morte.

Figura 8 - Expansão máxima dos celtas, por volta do século III a.C.



Fonte: Wikipedia.

A parte em amarelo corresponde à cultura de Hallstatt; em verde claro, a expansão máxima dos celtas, por volta do século III a.C.; a parte branca corresponde à área lusitana da Península Ibérica onde a presença dos celtas é incerta; em verde

intermediário, as seis “nações célticas” que mantiveram um número significativo de falantes celtas na Idade Moderna; e em verde mais escuro, áreas onde as línguas celtas continuam a ser faladas hoje.

Muitos grupos celtas, compostos de várias tribos, dominavam boa parte da Europa ocidental até que seus territórios foram conquistados pelo Império Romano. Dentre os povos celtas estavam os bretões, os gauleses, os escotos, os eburões, os belgas, os gálatas, os trinovantes e os caledônios. Muitos desses grupos deram origem ao nome das províncias romanas, as quais mais tarde batizaram alguns estados-nações medievais e modernos da Europa. A cultura celta jamais desapareceu, sobrevivendo em alguns topônimos, formas linguísticas, folclore e tradições. Daí a grande importância desses povos na história da formação da civilização ocidental.

OS GREGOS

Na península grega e no mar Egeu, os indo-europeus chegaram por volta de 2000 a.C. Primeiro com o povo que ficou conhecido como Aqueus, e posteriormente com os Eólios e os Jônios, por volta de 1700 a.C., todos supostamente vindos do norte. Houve um forte processo de aculturação entre os recém-chegados indo-europeus e as culturas ali existentes, tanto na Hélade (continente) quanto nas Cíclades (ilhas). Os indo-europeus eram tecnologicamente mais avançados e foram impondo sua cultura e modo de vida pacificamente, ao mesmo tempo em que eram mutuamente influenciados pelas culturas locais, principalmente a cultura minoica que já influenciava toda a região. Como vimos anteriormente, segundo a hipótese Kurgan, um proto-grego já era falado na região antes da chegada dos aqueus. Os gregos antigos do período clássico deram o nome de “pelasgos” àqueles que, na sua visão, não falavam grego e consideravam que habitavam ali antes da chegada dos gregos propriamente ditos, ou seja, eles mesmos. Enclaves pelasgos subsistiram no período clássico da Grécia antiga tanto no continente quanto em Creta e outras regiões do Egeu. Há, até os dias atuais, quem reivindique uma ascendência pelasga na região, de forma que os estudos para determinar se a língua pelasga era pré-indo-europeia ou não são contaminados por questões nacionalistas, comprometendo sua objetividade, de forma que os acadêmicos passaram a usar o termo “pelasgo” para determinar indiscriminadamente todos os povos presumivelmente autóctones da região do mar Egeu, inclusive os filisteus do Levante. Mas, deixando essa difícil questão à parte, a forma mais antiga da língua grega que se pode confirmar é o grego micênico, que começou a ser falado por volta de 1600 a.C. e escrito a partir do século XV a.C., justamente quando se formou a civilização micênica. Essa forma antiga de grego permaneceu sendo falada na Grécia, ainda que com algumas diferenças dialetais, como o Jônico, por exemplo, até o fim da civilização Micênica com o colapso da idade do bronze, apesar de uma parte considerável dessa língua e seus dialetos terem perpassado a idade grega das trevas (ou período Homérico) e chegado até ao período arcaico, como atesta as obras *Iliada* e *Odisseia*, onde Homero usou vários termos que se sabe ter tido origem no período micênico. Depois

disso, a língua grega foi evoluindo, primeiro para o grego antigo (1000-330 a.C.), depois para o grego koiné (330 a.C. – 330 d.C.), o grego medieval (330 – 1453) e, por fim, o grego moderno (a partir de 1453).

O COLAPSO DA IDADE DO BRONZE

Várias teorias foram apresentadas como possíveis contribuintes para o colapso de quase todas as civilizações do Mediterrâneo oriental a partir do século XIII a.C., muitas delas mutuamente compatíveis. Secas poderiam ter precipitado a migração em massa de povos como os Dórios, que, apesar de não terem nenhum sistema de escrita, aparentemente já dominavam a metalurgia do ferro, superior ao bronze para a fabricação de armas, como demonstram evidências na Bulgária e na Romênia nos séculos XIII e XII a.C. Isso coincide com os primeiros sinais de destruição na Grécia Micênica, por volta de 1250 a.C. A partir daí, o comércio já estava em declínio no Mediterrâneo Oriental (Tartaron, 2012, p. 20). Talvez um dos fatores para isso, que contribuiu para a fragilização dos reinos da região, tenha sido a pirataria praticada pelos “povos do mar”, que seriam formados por camponeses revoltados e mercenários desertores. Fontes egípcias citam aqueus como fazendo parte desses povos do mar. Esse colapso afetou quase todos os estados da região (a exceção foi o Egito), e mergulhou a Grécia no que ficou conhecido como a “Idade Grega das Trevas”, um período de aproximadamente 300 anos entre 1100 a.C. e 800 a.C., quando houve um grande declínio cultural e econômico que transformou a organização social, de um modelo de cidades-estado centradas no palácio, para um modelo totalmente descentralizado e disperso, o que indica um período de fome e que favoreceu o surgimento dos *genos*, um arranjo familiar que depois se reuniram novamente em cidades-estado, mas com uma nova organização, mais democrática e igualitária.

FENÍCIA

A recuperação econômica pós-colapso da Idade do Bronze no Mediterrâneo parece ser, em grande parte, obra dos comerciantes e príncipes-mercadores fenícios (povo canaanita que viveu onde hoje fica o norte de Israel e o litoral do Líbano e da Síria) que restabeleceram o comércio de longa distância na região. No fim da Idade do Bronze existia intenso comércio entre os povos do Mediterrâneo oriental. O apogeu do comércio fenício se deu por volta dos séculos VIII-VII a.C. A troca cultural entre fenícios e gregos nota-se pela influência da mitologia grega na mitologia fenícia e pela influência fenícia no chamado período orientalizante da arte grega. Mas o acontecimento mais importante dessa relação, que viria a ser crucial para toda a nova civilização que surgiria depois, foi a adoção pelos gregos do alfabeto fenício. Esse alfabeto surgiu por volta do século XI a.C. e tinha 22 letras que não representavam as vogais. Os gregos o adotaram por volta do século VIII a.C., provavelmente após um longo processo de intercâmbios comerciais, e modificaram

algumas das letras para incluir as vogais, adaptando o alfabeto semítico para a língua indo-europeia. Esse mesmo alfabeto foi levado pelos etruscos para a península itálica, onde ajudaria a formar o alfabeto latino, o alfabeto mais amplamente

Usado atualmente. Pode-se dizer que o alfabeto fenício é o “pai” de todos os alfabetos modernos. Contatos entre etruscos e fenícios também são evidentes na arte etrusca, seja através de migrações de povos da Anatólia para a Etrúria, seja pelo comércio fenício na região. E isso comprova uma influência oriental na civilização ocidental que vai além da simples adoção do alfabeto fenício, e muito mais ao passado do que o cristianismo, já que os etruscos foram um dos principais povos na formação da civilização romana.

As obras de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, foram escritas no mesmo dialeto jônico que tinha sido registrado na escrita Linear B (escrita utilizada pelos Micênicos, derivada da Linear A, utilizada pelos Minoicos, que ainda não foi decifrada), mas agora utilizando o novo alfabeto, já conhecido como alfabeto grego. Posteriormente, o dialeto jônico se mesclou com o ático de Atenas, e esse foi o principal dialeto do período clássico: o dialeto da literatura, da filosofia e da história, muito distante do dialeto dos primeiros escritos em alfabeto grego.

Os fenícios também foram os responsáveis pela fundação da cidade de Cartago, que rapidamente se transformou na capital de uma poderosa república marítima, e foi a grande rival de Roma pelo domínio do comércio no Mediterrâneo, principalmente entre os séculos III– II a.C., provocando as Guerras Púnicas.

A CIVILIZAÇÃO ROMANA

Como vimos na seção “O que é a hipótese Kurgan?”, os proto-itálicos migraram para a península itálica na segunda metade do segundo milênio a.C. Pode ter havido uma mescla entre esses indo-europeus e povos do norte da África que podem ter estado ali anteriormente e, talvez, até essa época. Mas o importante, como ilustra muito bem a figura 9, é entender como nessa época as línguas indo-europeias ainda estavam em processo de formação, com relação ao que temos hoje. À época da formação de Roma, por volta de meados do século VIII a.C., a península itálica estava tomada por toda uma miríade de línguas diferentes e nem todas eram indo-europeias. Curiosamente, entre elas, o etrusco, cujo alfabeto influenciou diretamente a formação do alfabeto latino. Helmut Rix (1998) propôs uma família linguística chamada “línguas tirrenas”, argumentando que o etrusco, o rético e o lêmnio (da ilha de Lemnos, no oeste do mar Egeu) são línguas aparentadas com um certo número de cognatos identificáveis. O interessante da presença dessas línguas não indo-europeias na península itálica, até mesmo após a introdução da idade do ferro, talvez seja perceber como as culturas da Europa neolítica também tiveram seu desenvolvimento e algumas perduraram por um longo tempo convivendo com os indo-europeus, até a inevitável assimilação. Outras línguas que eram faladas na Itália

Antigas eram o latim, o falisco, o grande grupo osco-umbro, o messápico, o piceno do norte e o piceno do sul e o venético. Essas todas são indo-europeias.

Entre 750 a.C. e 550 a.C., os gregos já tinham fundado várias colônias no sul da Itália e viriam a influenciar fortemente a cultura romana.

Figura 9 - Línguas faladas na Itália por volta do século VI a.C.



Fonte: Google Images.

Como mostra a história, o latim, que até o século V a.C. estava confinado ao território de Roma, junto com seu vizinho do norte, o dialeto falisco, acabou se impondo às demais línguas vernáculas faladas nos territórios que foram sendo conquistados pela expansão do poder romano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desse trabalho foi dar um panorama mais amplo aos graduandos em história, de como chegamos até a antiguidade clássica, fugindo da retórica da Grécia antiga – Roma antiga – invasões bárbaras – cristianismo, etc. Muito longe de estar insinuando que não é importante que o estudo da antiguidade clássica seja feito assim, quis passar a ideia de como é importante o conhecimento das origens daquilo que se estuda, atentando também para a possibilidade do uso de outras disciplinas como recurso, tanto de aprendizagem quanto de ensino.

Ademais, apesar de ter focado mais na Europa Central e Ocidental, e deixado de abordar outros grupos étnicos indo-europeus, como os eslavos, por exemplo,

na intenção de que o trabalho não ficasse demasiadamente extenso, vale informar que, hoje, cerca de 3,2 bilhões de pessoas no mundo, ou seja, cerca de 40% da população mundial é genética, étnica e culturalmente descendente daquela pequena cultura que surgiu nas estepes russas, às margens do rio Volga, há cerca de 6500 anos atrás (ou há 9 mil anos, segundo a hipótese Anatólia), sendo que na Europa, esse índice chega a 88% da população.

Mesmo assim, a humanidade carrega uma variedade tão grande e tão rica de diferentes culturas que é preciso repensar o porquê de tantos conflitos, sendo que compartilhamos muitas semelhanças em nossas origens, e entender que as diferenças são justamente o que nos faz fortes, diante de tantas semelhanças.

REFERÊNCIAS

NATIONAL SCIENCE FOUNDATION. **Abstract Engravings Show Modern Behavior Emerged Earlier Than Previously Thought.**

ScienceDaily, 14 jan. 2002. Disponível em: <https://www.sciencedaily.com/releases/2002/01/020114073704.htm>. Acesso em: 9 jun. 2009. Arquivado do original em: 12 dez. 2008. (ScienceDaily)

WONG, Kate. Ancient Engravings Push Back Origin of Abstract Thought. **Scientific American**, New York, 11 jan. 2002. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/ancient-engravings-push-b/>. Acesso em: 15 jan. 2024. (Scientific American)

BENZ, Otto. **CDU und Freie Wähler wollen einen Steinzeitpark.** Schwäbische. de, 7. Juli 2011. Disponível em: <https://www.schwaebische.de>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MUSEUM ULM. **C Dating – The Age of the Lion.** Ulm, Alemanha: Museum Ulm. Disponível em: <https://www.loewenmensch.de>. Acesso em: 15 jan. 2024.

COLLIS, John. **The Celts: Origins, Myths, Invention.** London: Tempus, 2003.

COULMAS, Florian. **The Blackwell Encyclopedia of Writing Systems.** Oxford: Blackwell Publishers, 1996. ISBN 0-631-21481-X.

ALVES, Filomena. **Genoma de Neandertal mostra cruzamento com Homo sapiens.** Diário de Notícias, Lisboa, 7 de maio de 2010. Disponível em: <https://www.dn.pt>. Acesso em: 7 de maio de 2010.

GIMBUTAS, Marija. **The Prehistory of Eastern Europe.** Part I: Mesolithic, Neolithic and Copper Age Cultures in Russia and the Baltic Area. Cambridge, MA: Peabody Museum, 1956.

BLOEMERS, J. H. F.; VAN DORP, T. (ed.). **Pre- & Protohistorie van de Lage Landen.** De Haan: Open Universiteit, 1991. ISBN 90-269-4448-9.

HEMINGWAY, Colette; HEMINGWAY, Seán. **Etruscan Art**. In: Heilbrunn Timeline of Art History. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/toah/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

JAMES, Simon. **The Atlantic Celts**. London: British Museum Press, 1999.

JANNUZZI, Giovanni. **Breve história de Itália**. 1. ed. Buenos Aires: Letemendia, 2005. 80 p. ISBN 987-21732-7-3.

KNAPP, A. Bernard; MANNING, Stuart W. Crisis in Context: The End of the Late Bronze Age in the Eastern Mediterranean. **American Journal of Archaeology**, Boston, v. 120, n. 1, p. 99-149, 2016. DOI: 10.3764/aja.120.1.0099. Acesso em: 28 dez. 2020.

MORGUNOVA, Nina; KHOKHLOVA, Olga. **Chronology and Periodization of the Pit-Grave Culture in the Area Between the Volga and Ural Rivers Based on 14C Dating and Paleopedological Research**. Radiocarbon, Cambridge, v. 55, n. 3-4, p. 1286-1296, 2013.

MUSSET, Lucien. **The Germanic Invasions: The Making of Europe A.D. 400–600**. University Park: Pennsylvania State University Press, 1975. ISBN 1-56619-326-5.

PYDYN, Andrzej. **Exchange and Cultural Interactions: A Study of Long-Distance Trade and Cross-Cultural Contacts in the Late Bronze Age and Early Iron Age in Central and Eastern Europe**. Oxford: Archaeopress, 1999. (BAR International Series, 814). OCLC 43518154.

SANNIBALE, Maurizio. **Orientalizing Etruria**. In: TURFA, Jean MacIntosh (ed.). The Etruscan World. London: Routledge, 2014. p. 91-133.

SNODGRASS, Anthony M. **The Coming of the Iron Age in Greece: Europe's Earliest Bronze/Iron Transition**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006. ISBN 978-0-7486-2333-4. Acesso em: 28 dez. 2020.

VENTRIS, Michael. Evidence for Greek dialect in the Mycenaean archives. **Journal of Hellenic Studies**, Cambridge, v. 73, p. 84-103, 1953. DOI: 10.2307/628239.